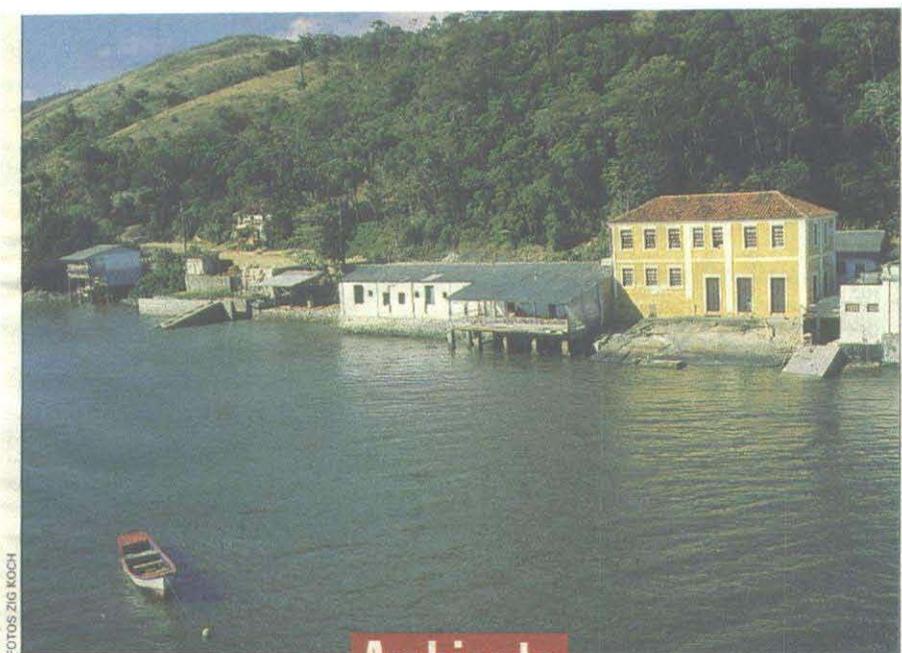
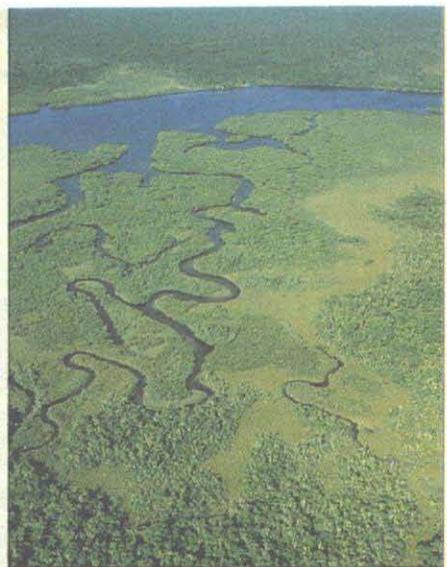


Veja  
9/4/97 73  
VC/KFA 35



FOTOS ZIG KOCH



Guaraqueçaba e o viveiro de espécies marinhas no lagamar: natureza rica, moradores pobres

**Ambiente**

# Refém do verde

Uma cidade no litoral do Paraná paga caro para proteger espécies ameaçadas de extinção

Franco Iacomini, de Guaraqueçaba

**A**té algum tempo atrás, os 8 000 moradores de Guaraqueçaba, uma cidadezinha no litoral paranaense, eram proibidos de cortar a grama que crescia nas ruas e praças sem autorização do Ibama, o órgão do governo responsável pelo meio ambiente. O motivo: cada centímetro quadrado do município é considerado área de preservação ecológica, intocável para qualquer finalidade que não seja a proteção da fauna e da flora. Em Guaraqueçaba não se pode cultivar novas lavouras, abrir fábricas ou erguer casas de comércio. Cortar grama passou a ser permitido depois que a prefeitura fez um acordo com o Ibama isentando esse item da lista de proibições. Mas ainda é preciso autorização para podar um galho de árvore no quintal.

O caso de Guaraqueçaba é um exemplo de como a preocupação com a ecologia, levada ao exagero, pode infernizar a vida das pessoas. Ainda mais quando a tarefa é entregue a burocratas que adoram fazer catálogos de proibições. O município tornou-se um parque ecológico porque ali está situada a última grande área de mata atlântica nativa do país. É o habitat de dezenas

de espécies ameaçadas, como a onça-pintada e o lobo guará, e duas raridades já extintas em outras regiões: o mico-leão-da-cara-preta e o papagaio-chauá. Além disso, grande parte do território municipal está dentro do chamado complexo lagamar-estuarino, uma teia de canais, ilhotas e mangues considerada um dos mais ricos viveiros de espécies marinhas.

**Direito de ir e vir** — Para o Brasil, é muito importante preservar tudo isso. O problema é que, para proteger espécies ameaçadas, a própria cidade enfrenta o risco da extinção. Há no município apenas uma escola de 2º grau, um hospital com três leitos e uma única agência bancária, que desde o mês passado só funciona à tarde por falta de movimento. Guaraqueçaba sobrevive da pesca artesanal e da produção de bananas. “Quem mais sofre são os jovens, que não têm perspectiva de crescimento profissional”, lamenta o prefeito, Ademar Ussui, do PTB. “Eles estão indo embora. A

população atual é apenas um terço da que havia em 1965.”

Resolvida a questão da grama, Guaraqueçaba luta agora pelo direito de ir e vir. A única estrada existente no município é intransitável na maior parte do ano. Para viajar para outras regiões é preciso ir de barco, em travessias que chegam a durar seis horas até a cidade mais próxima, Paranaguá. A solução seria pavimentar a estrada, mas os ecologistas não deixam. Alegam que uma estrada facilitaria o acesso de madeireiros, exploradores de palmito e estimularia a pesca predatória. “Guaraqueçaba paga o preço de ter preservado as suas florestas, enquanto o resto do país destruiu o que tinha”, afirma João Capabianco, do Instituto Sócio Ambiental, uma organização não governamental, ONG, de São Paulo. “É preciso criar novos meios econômicos para a região, como o turismo ecológico.”

Atualmente, há duas soluções em andamento. A primeira é o chamado ICMS ecológico. Por uma lei estadual, o município passou a receber uma compensação por estar em área de proteção ambiental. São 85 000 reais por mês — quase a metade do orçamento municipal. Quanto à estrada, está em estudo uma proposta que prevê a pavimentação com paralelepípedos e um traçado repleto de curvas que impeça a velocidade. Para os turistas, seria um bom passeio por uma paisagem exuberante. Para os moradores de Guaraqueçaba, o fim do isolamento. ■

**Onde fica**



A. GARES